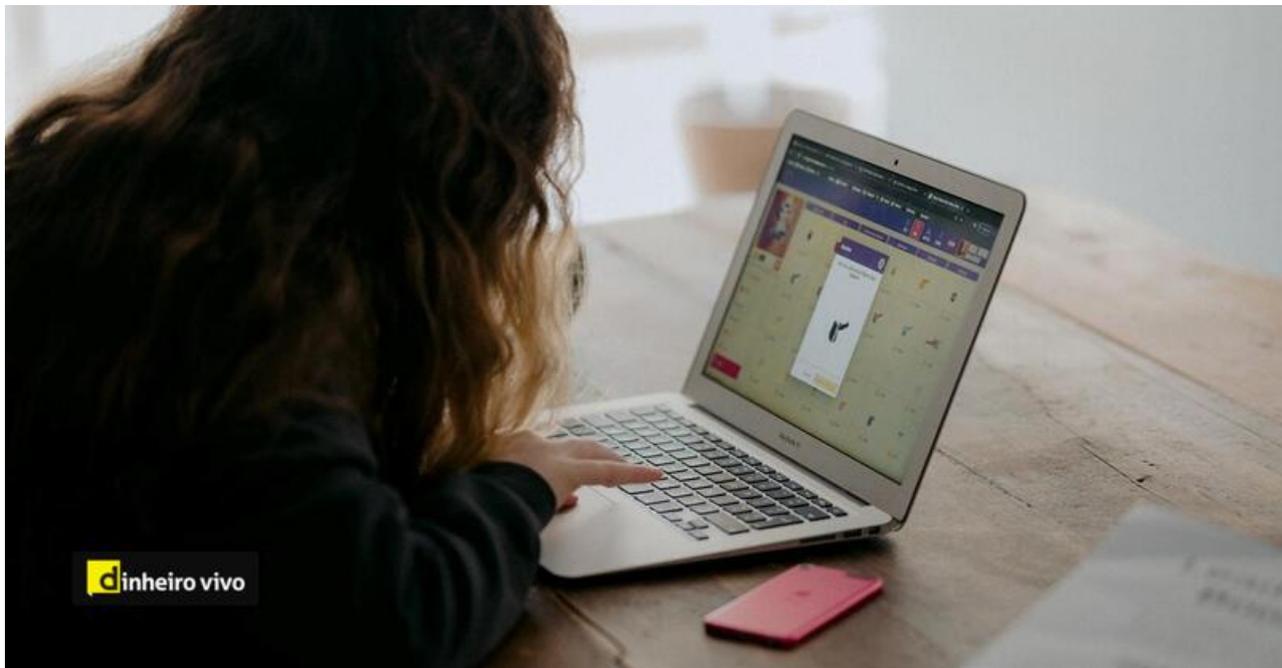


# A escola do futuro tem de ser cibersegura

 dinheirovivo.pt/opiniao/a-escola-do-futuro-tem-de-ser-cibersegura-12696112.html

25 de junho de 2020



Numa altura em que cada vez mais pessoas estão ligadas, nomeadamente os mais jovens, é essencial garantir que tudo está a ser feito para os proteger.

A escola digital é um dos grandes desafios da sociedade pós-covid-19. As aulas à distância vieram para ficar, reforçando o papel da cibersegurança que se assume como uma área chave em todos os domínios e setores da vida profissional e pessoal.

Ciente disso, a VisionWare, em parceria com a Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, realizou, durante o mês de junho, uma ação de formação *e-learning* em Boas Práticas de Cibersegurança para Professores. Este foi um pequeno contributo para um grande desafio que a comunidade enfrenta, fruto da digitalização forçada durante a pandemia de covid-19.

Formar em segurança da informação tem sido para nós uma prioridade, desde a fundação da VisionWare, e, por isso mesmo, desenvolvemos trabalho concreto, com a criação da nossa unidade de negócio Academy. Junto dos nossos clientes, defendemos que as medidas de mitigação do risco mais evoluídas tecnologicamente só surtem real efeito se as pessoas estiverem conscientes dos riscos a que estão expostas quando “passeiam” no mundo cibernauta, a que todos amigavelmente intitulamos de “internet”.

Numa altura em que cada vez mais pessoas estão ligadas, nomeadamente os mais jovens, é essencial garantir que tudo está a ser feito para os proteger neste novo paradigma que é “viver *online*”. E nada melhor do que ajudar a formar os seus educadores, no caso, os professores, com quem passaram a ter aulas *online*.

Verificamos que existem diferentes níveis de consciencialização para a temática da segurança e diferentes níveis de proficiência informática, o que resulta em graves desafios sistémicos que precisam de ser resolvidos, de maneira a tornar a vida de todos mais segura numa realidade virtual que, para muitos dos intervenientes – alunos, professores e pais – ainda continua a ser, no mínimo, uma zona de desconforto ou desconhecimento.

A este propósito, cumpre referir os dados particularmente alarmantes do último relatório do Gabinete de Cibercrime da Procuradoria-Geral da República, que aponta que se nota uma “progressão constante e persistente do número de queixas recebidas no decurso dos anos”, mas que “as denúncias recebidas no ano de 2020 (mesmo sabendo que apenas se contabilizaram até 31 de maio) superaram já em muito as dos anos anteriores”. Por exemplo, tendo em conta os dados de 2018, a progressão para 2019 foi de 120% denúncias a mais. Quanto à evolução de 2019 para 2020 (e apenas considerando as denúncias entradas até 31 de maio de 2020), a progressão é já de 139% denúncias a mais.

Recentemente, mencionaram-me a criação de um novo projeto do Governo – “Escola Digital” – e não pude deixar de me questionar sobre se o mesmo considera integrar formação em cibersegurança como uma prioridade. É que falar de digitalização sem segurança é dar um passo de gigante em falso. O mundo cibernético comporta inúmeros riscos e é cada vez mais perigoso e um programa como a “Escola Digital” deve traduzir uma política de segurança nacional ou por agrupamento que esclareça o que se pode fazer, como se pode fazer e com recurso a que ferramentas. A título de exemplo, os professores de Santa Maria da Feira, que participaram na formação da VisionWare, manifestaram interesse e disponibilidade em conhecer mais e em maior detalhe ferramentas que os possam apoiar a realizar e a dinamizar as aulas. Contudo, face à diversidade do mercado a uniformização e orientação é essencial para promover alinhamento.

Estamos naturalmente abertos a cooperar nesse sentido. Falamos de resolver questões até simples, mas de enorme impacto para a cibersegurança e privacidade de todos, como, por exemplo, como comunicar com os pais dos alunos ou em que termos devem ser permitidas gravações de aulas no Zoom.

Preocupam-me, sobretudo, as assimetrias geográficas que comportam um enorme desafio: existem escolas já muito digitais que têm adotado, com o RGPD, muitas das boas práticas recomendáveis, enquanto outras estão aquém dos mínimos. E é desta “disparidade” que vai sair o nosso futuro.

É, por isso, imperativo apostar na educação para responder de forma responsável aos desafios que o presente nos coloca e desenvolver, em cada um de nós, um agente de segurança. Se soubermos proteger-nos e ensinar os mais novos a fazê-lo desde pequenos, estamos, em larga medida, a contribuir para uma redução da cibercriminalidade, evitando o desenvolvimento de fenómenos como o *cyberbullying* ou a pornografia infantil, e a contribuir para uma utilização efetivamente útil das tecnologias, construindo um futuro mais seguro e mais capaz.

*Bruno Castro, CEO da Visionware*

